

EDUCAÇÃO PARENTAL E PARENTALIDADE POSITIVA: UM ESTUDO SOBRE COMO PENSAM OS ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL II E ENSINO MÉDIO DE ESCOLAS PÚBLICAS EM JIJOCA DE JERICOACOARA, CEARÁ

Rita Martins da Silva ¹

Maria Francielma Souza de Vasconcelos ²

RESUMO

Este estudo tem o objetivo de perceber como os estudantes do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio, percebem sobre a Educação Parental e Parentalidade Positiva. Com uma metodologia quantitativa, a partir do inquérito com 24 itens objetivos e subjetivos, com a participação de 483 adolescentes de escolas públicas. O termo Parentalidade torna-se a cada dia mais ligado as relações entre crianças e adolescentes e seus responsáveis. A Parentalidade também se configura aos direitos, deveres e obrigações da função em que assume um adulto ou responsável, deve garantir para a criança ou adolescente, tais como, a sobrevivência, moradia, educação, saúde, bem-estar e segurança, entre outros, (Ferreira, 2020; Cruz, 2014; Zaldibar, Monzó, & Mujika, 2018). Esses mesmos estudos mostram que, a relação parental é fundamental para o desenvolvimento e a percepção que o adolescente tem sobre si, sobre a sociedade, o futuro e sobre o ideal de vida que deseja construir, (Ferreira, 2020; Cruz, 2014; Zaldibar, Monzó, & Mujika, 2018). Cumpre dizer que, esta pesquisa assume haver a carência de ações ou políticas públicas voltadas para orientar e acompanhar a forma como essas relações acontecem, tendo em conta não apenas a fase da adolescência, mas contudo, dar ênfase ao período da infância e da gestação. Essa fase encontram-se as primeiras posturas e cuidados para a garantias de direitos e condições de vida, seja da criança ou do adolescente. A partir das entrevistas, os adolescentes consideraram que a Educação Parental ou Parentalidade Positiva, deve ser voltada para o diálogo, para as práticas positivas, onde as relações entre pais e filhos aconteçam através do diálogo, da vivências mais próxima, do saber ouvir e compreender, respeitando os sentimentos e as decisões. Os entrevistados assumem consciente em suas vivências familiares que, existe a necessidade práticas mais capazes para uma Educação Parental e Parentalidade Positiva.

Palavras-Chaves: Educação Parental; Parentalidade Positiva; Adolescente.

¹ Doutora em Ciência da Educação e Psicologia da Universidade Nova de Lisboa (NOVA) em parceria com o Instituto de Psicologia Avançada (ISPA) Lisboa, Portugal e reconhecido na Universidade Católica de Brasília - UCB, ritasms@hotmail.com;

² Licenciatura em matemática – Unopar, francy.fs57@gmail.com



1. INTRODUÇÃO

A educação parental e a parentalidade positiva vêm ganhando crescente relevância no campo das ciências humanas e sociais, especialmente quando relacionadas ao desenvolvimento emocional, cognitivo e social de crianças e adolescentes. Em uma sociedade em constante transformação, as estruturas familiares assumem novas configurações e papéis, exigindo dos pais e responsáveis habilidades relacionais e educativas capazes de promover um ambiente saudável, protetor e acolhedor.

O termo parentalidade refere-se à qualidade e ao exercício da função parental — isto é, o estado ou condição de quem é pai, mãe ou responsável — e vai além do fator biológico. Envolve um conjunto de atitudes, valores e práticas que asseguram o direito de crianças e adolescentes à sobrevivência, educação, saúde, segurança e bem-estar (Ferreira, 2020; Cruz, 2014; Zaldibar, Monzó & Mujika, 2018). Nesse sentido, a educação parental emerge como um instrumento essencial de orientação e prevenção, pois busca fortalecer as competências dos pais e responsáveis, auxiliando-os na construção de vínculos saudáveis, no manejo de comportamentos e na resolução positiva de conflitos.

A parentalidade positiva, por sua vez, sustenta-se na premissa de que os pais devem agir com base em respeito mútuo, empatia, escuta ativa e diálogo aberto, criando condições para o desenvolvimento integral dos filhos. Trata-se de um conceito que valoriza o equilíbrio entre afeto e limites, e que reconhece a criança e o adolescente como sujeitos de direitos, dotados de voz, sentimentos e necessidades que merecem atenção (Antunes et al., 2018; Santos, 2023).

Dessa forma, compreender como crianças e adolescentes percebem as relações parentais é um passo fundamental para o fortalecimento das práticas educativas familiares e para o desenho de políticas públicas voltadas à promoção do bem-estar social. No contexto brasileiro, e particularmente nas comunidades interioranas, essa discussão ganha destaque devido às vulnerabilidades sociais, emocionais e econômicas que permeiam o ambiente familiar, interferindo diretamente no modo como jovens constroem sua identidade e se relacionam com o mundo.

Este estudo tem como objetivo compreender como os estudantes do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio de escolas públicas do município de Jijoca de



Jericoacoara, Ceará, percebem a educação parental e a parentalidade positiva. A pesquisa busca identificar as concepções desses estudantes sobre o papel dos pais, o diálogo, os limites, a escuta, o afeto e o incentivo familiar — elementos fundamentais para a formação de uma convivência familiar saudável.

A relevância da investigação justifica-se pela necessidade de compreender as dinâmicas familiares contemporâneas, especialmente em um cenário social marcado por desigualdades, tensões emocionais e desestruturações afetivas. Entender como os jovens percebem as práticas parentais permite delinear caminhos de intervenção educativa e psicossocial, capazes de fortalecer vínculos e reduzir comportamentos de risco.

Além disso, a pesquisa contribui para o debate sobre o papel das escolas e das políticas públicas no apoio à parentalidade, apontando para a urgência de programas que incentivem práticas educativas positivas, empáticas e conscientes. Assim, o estudo não apenas revela percepções juvenis sobre a relação familiar, mas também oferece subsídios teóricos e práticos para a construção de uma sociedade mais humanizada, participativa e afetiva.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa tem caráter **quantitativo e descritivo**, desenvolvida com o propósito de compreender como os estudantes do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio de escolas públicas do município de Jijoca de Jericoacoara – Ceará percebem a **Educação Parental** e a **Parentalidade Positiva**. O estudo partiu da premissa de que a compreensão dos adolescentes acerca das relações familiares permite identificar padrões de convivência, diálogo, afetividade e autoridade, possibilitando reflexões sobre o papel das famílias e da escola na formação socioemocional dos jovens.

2.1. Procedimentos e etapas da pesquisa

A investigação foi organizada em três etapas metodológicas principais:

1. **Elaboração do instrumento de coleta de dados:** foi construído um **inquérito estruturado** contendo **26 questões**, das quais **25 eram objetivas** e **uma subjetiva**, voltada à expressão pessoal dos estudantes. O questionário contemplava itens referentes à idade, gênero, estrutura familiar, convivência,



hábitos domésticos, diálogo, limites, afeto e percepção sobre práticas parentais. O instrumento foi desenvolvido na plataforma **Google Forms**, facilitando o envio, o preenchimento e a sistematização dos dados obtidos.

2. **Aplicação do instrumento nas instituições escolares:** o link do questionário foi encaminhado a **nove escolas públicas** do município — sendo **sete municipais**, que atendem ao Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano), e **duas estaduais**, voltadas ao Ensino Médio (1º ao 3º ano). O processo de aplicação contou com o apoio das **gestões escolares**, que mediarão o acesso aos estudantes.
3. **Recolha e sistematização dos dados:** após o período de aplicação, os dados foram coletados de forma automática pela própria plataforma Google, permitindo a geração de gráficos e tabelas que serviram de base para as análises e discussões dos resultados.

2.2. Amostra e público participante

A amostra total foi composta por **483 estudantes**, distribuídos da seguinte forma:

- **253 alunos (52,4%)** do Ensino Fundamental II de escolas municipais;
- **230 alunos (47,6%)** do Ensino Médio de escolas estaduais.

A faixa etária dos participantes variou entre **10 e 18 anos**, com predominância do sexo **feminino (55,9%)**, seguido do sexo **masculino (44,1%)**.

Os critérios de inclusão consideraram idade, gênero, nível de escolaridade, e experiências de convivência familiar, abrangendo tanto estudantes residentes em **zona urbana** quanto em **zona rural**, a fim de garantir maior representatividade do contexto local.

2.3. Procedimentos analíticos

Os dados obtidos foram organizados, tabulados e analisados de forma descritiva, buscando identificar padrões de respostas e tendências de pensamento. O item subjetivo foi interpretado por meio de **análise de conteúdo**, com foco na identificação de sentidos, percepções e sentimentos expressos pelos adolescentes em relação à estrutura familiar e às práticas parentais.



O método adotado permitiu compreender de que forma os adolescentes percebem a presença (ou ausência) de práticas de **Parentalidade Positiva** em seus lares, bem como reconhecer os desafios e potencialidades das relações familiares.

2.4. Objetivos do estudo

O estudo teve como **objetivo geral**:

Perceber como pensam os estudantes do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio de Jijoca de Jericoacoara, Ceará, sobre a Parentalidade Positiva.

E como **objetivos específicos**:

- a) Identificar as percepções dos estudantes sobre a Parentalidade Positiva;
- b) Descrever experiências significativas sobre o modelo de família idealizado pelos participantes;
- c) Analisar os modelos de convivência e as práticas familiares mais recorrentes entre os estudantes.

3. DESENVOLVIMENTO

O conceito de Educação Parental e de Parentalidade Positiva tem ganhado espaço nas últimas décadas como campo de investigação e prática voltado à promoção de vínculos afetivos, à prevenção de comportamentos de risco e ao fortalecimento das relações familiares. A parentalidade, segundo Ferreira (2020), Cruz (2014) e Zaldibar, Monzó e Mujika (2018), representa a qualidade e o exercício das funções parentais, compreendendo não apenas os laços biológicos entre pais e filhos, mas, sobretudo, a responsabilidade ética e emocional de garantir os direitos e o bem-estar de crianças e adolescentes.

Essa função parental estende-se para além do cuidado material, abrangendo o acolhimento emocional, a educação social, a transmissão de valores e o estímulo ao desenvolvimento cognitivo e afetivo. Assim, a parentalidade constitui-se como uma dimensão essencial da convivência humana, em que os adultos assumem o papel de mediadores entre os indivíduos em formação e o mundo social.



3.1. Educação Parental

A Educação Parental surge como uma estratégia de intervenção social e educativa, destinada a orientar pais e responsáveis sobre práticas positivas e habilidades relacionais capazes de favorecer o desenvolvimento saudável das crianças. De acordo com Zaldibar, Monzó e Mujika (2018), programas de educação parental aplicados entre 2003 e 2016 demonstraram eficácia significativa na ampliação da autoeficácia dos pais e na melhoria da qualidade de vida infantil.

Araújo e Formosinho (2002) e Oliveira e Cabral (2015) ressaltam que os maus-tratos e a negligência parental ainda configuram fenômenos de grande relevância, demandando políticas públicas e ações preventivas que assegurem a proteção e os direitos das crianças e adolescentes. Essas práticas negativas geram impactos severos, comprometendo o equilíbrio emocional e o desenvolvimento global dos indivíduos.

Nesse contexto, a formação parental deve incluir a dimensão afetiva, ética e comunicacional, promovendo atitudes de escuta, empatia e diálogo. Vázquez, Ramos, Molina e Artazcoz (2016), ao avaliarem o Programa de Desenvolvimento de Competências Parentais (PHP) aplicado a 257 participantes na Espanha e América Latina, constataram redução expressiva do estresse parental e fortalecimento dos vínculos familiares, comprovando a relevância de políticas de educação parental como ferramentas eficazes na prevenção de conflitos e na promoção da saúde emocional.

Schmidt, Staudt e Wagner (2016) complementam que as práticas educativas parentais no contexto brasileiro ainda são marcadas por lacunas, principalmente em famílias de baixo nível socioeconômico, onde prevalece a sobrecarga feminina na condução da educação dos filhos. Isso reforça a necessidade de intervenções voltadas à promoção de práticas parentais positivas, com vistas à equidade de gênero e à corresponsabilidade familiar.

3.2. Parentalidade Positiva

A Parentalidade Positiva propõe um modelo de relação pautado no equilíbrio entre afeto e autoridade, promovendo o respeito mútuo e o fortalecimento da autoestima dos filhos. Segundo Antunes et al. (2018), a qualidade do relacionamento entre pais e



filhos influencia diretamente a saúde mental dos adolescentes, sendo as estratégias de regulação emocional e a presença de vínculos de confiança fatores decisivos para a redução de sintomas depressivos.

Barbosa e Neto (2023) argumentam que, mesmo diante de avanços legislativos e da agenda internacional de direitos da criança, ainda há defasagens significativas na efetivação desses direitos. A ausência de ações públicas consistentes contribui para a manutenção de vulnerabilidades sociais e emocionais, tornando urgente a implementação de programas de apoio à parentalidade em diferentes contextos culturais.

Pesquisas realizadas por Magalhães e Barbedo (2011) evidenciam que, quando os pais adotam estratégias educativas baseadas na escuta e na estimulação da autonomia, os filhos desenvolvem maior segurança emocional, confiança e senso de pertencimento. Essas práticas reforçam a ideia de que a parentalidade positiva é um fator protetor contra o adoecimento emocional e o fracasso escolar, além de promover competências socioemocionais essenciais à formação integral.

3.3. Percepção dos estudantes sobre a Parentalidade Positiva

Estudos contemporâneos mostram que as crianças e adolescentes têm consciência das práticas parentais e percebem seus impactos no cotidiano familiar. Weber et al. (2004) identificaram, em pesquisa com 239 crianças entre 9 e 12 anos, a presença de quatro estilos parentais predominantes, sendo a negligência um fator crítico na qualidade das relações familiares.

Oliveira e Crepaldi (2018) destacam que os conflitos oriundos de separações conjugais repercutem diretamente na saúde emocional dos filhos, exigindo acompanhamento psicológico e mediação para evitar prejuízos à estrutura emocional e educacional dos adolescentes. Da mesma forma, Santos (2023) aponta que a presença afetiva dos pais, inclusive durante o período gestacional, é determinante para a formação de vínculos sólidos e saudáveis, influenciando positivamente o desenvolvimento infantil.

Por fim, Dos Santos (2023) identificou, em uma revisão de 11 artigos, que as habilidades parentais mais representativas nas relações entre pais e filhos incluem:

a) a comunicação assertiva;



- b) o manejo da ansiedade e da depressão;
- c) a educação emocional e o incentivo à autonomia;
- d) a resolução de conflitos de maneira positiva.

Essas dimensões estão diretamente associadas ao conceito de parentalidade positiva, que se sustenta em relações de respeito, acolhimento e escuta empática.

Em síntese, a literatura confirma que a educação parental e a parentalidade positiva constituem instrumentos fundamentais para a promoção do bem-estar familiar e social. No entanto, persistem lacunas no âmbito da aplicação prática e das políticas públicas, tornando-se imprescindível fortalecer ações que envolvam escola, família e comunidade na construção de vínculos saudáveis e duradouros.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esta pesquisa, que teve como objetivo perceber como os estudantes do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio, todos de escolas públicas municipais ou estaduais, compreendem a Educação Parental e a Parentalidade Positiva, contou com a participação de **483 adolescentes**. Desses, **253** (52,4%) pertenciam ao Ensino Fundamental II, entre o 6º e o 9º ano, e **230** (47,6%) eram estudantes do Ensino Médio, entre o 1º e o 3º ano. Dos participantes, **55,9%** eram do sexo feminino e **44,1%** do sexo masculino. Quanto à idade, observou-se a seguinte distribuição: 37 estudantes com 11 anos, 47 com 12 anos, 56 com 13 anos, 46 com 14 anos, 48 com 15 anos, 71 com 16 anos, 70 com 17 anos e 17 estudantes com 18 anos de idade.

Os resultados mais significativos para esta pesquisa, relacionados à Educação Parental ou Parentalidade Positiva, foram analisados a partir dos dados gerados pelo próprio Google Forms, conforme descrito a seguir.

Quando perguntado aos adolescentes sobre:

Com quem você convive?

O gráfico mostra que **58,4%** dos estudantes vivem em famílias representadas por pai e mãe. Contudo, duas outras informações merecem destaque:



- **21,3%** das famílias são representadas apenas por mulheres;
- **12,2%** dos estudantes, mesmo entre 11 e 18 anos, já não vivem com suas famílias ou com pessoas próximas.

Esses dados indicam a fragmentação das estruturas familiares e a presença de arranjos monoparentais ou alternativos. Pesquisas de Dos Santos (2023) confirmam que famílias em situação de divórcio ou separação apresentam maior probabilidade de conflitos parentais, o que afeta diretamente a percepção dos filhos sobre segurança emocional e pertencimento.

Qual a situação de emprego dos membros da família?

A análise revelou que apenas **50,7%** das famílias possuem ambos os pais trabalhando. O fator socioeconômico surge, assim, como elemento de vulnerabilidade, podendo interferir na percepção que o adolescente tem sobre si, sua vida e o meio em que vive (Dos Santos, 2023). A instabilidade econômica pode refletir em práticas parentais mais rígidas ou ausentes, impactando o diálogo e a convivência familiar.

Quais hábitos são comuns em sua família?

Essa questão revelou-se central na pesquisa, pois reúne dados sobre o convívio e a afetividade familiar. Entre os 483 estudantes pesquisados, apenas 5% afirmaram realizar atividades escolares com apoio dos pais; 28,4% disseram fazer as refeições em família; 29% conversam com os pais sobre situações cotidianas; 24% assistem televisão juntos; e 13% afirmaram não se enquadrar em nenhuma dessas situações.

Esses resultados apontam fragilidade nas interações familiares, especialmente no compartilhamento de momentos significativos. A ausência de práticas de convivência e diálogo pode gerar distanciamento emocional e fragilizar os vínculos parentais. Conforme Araújo e Formosinho (2002) e Oliveira e Cabral (2015), a falta de práticas parentais adequadas pode desencadear conflitos e dificuldades de compreensão mútua dentro do ambiente familiar.

A ausência de apoio familiar nas atividades escolares também se destacou como fragilidade. Estudos de Santana (2022) demonstram que crianças e adolescentes sem



suporte doméstico têm maior propensão ao fracasso escolar, ao desinteresse e à baixa autoestima acadêmica.

Quando ocorrem conflitos na família, com quem você conversa?

Entre os entrevistados, 59,6% afirmaram sentar para conversar quando há conflitos, sendo que 57% desses diálogos ocorrem com a mãe. Entretanto, 59,2% declararam não participar das decisões familiares. Esses dados refletem uma relação parental centrada na autoridade materna e na ausência de diálogo participativo, o que pode limitar o desenvolvimento da autonomia e da responsabilidade emocional dos adolescentes.

Segundo Araújo e Formosinho (2002) e Oliveira e Cabral (2015), quando há diálogo e escuta, os jovens desenvolvem mais empatia e compreensão familiar; contudo, na falta dessa escuta, buscam apoio em amigos ou grupos externos (Dos Santos, 2023).

Já quando perguntado aos adolescentes sobre as relações parentais:

Limites e comunicação familiar

Sobre a imposição de limites, 81,4% dos adolescentes consideraram que os limites impostos pelos pais são positivos. No entanto, 23,6% afirmaram considerar agressiva a forma como os pais os repreendem. Em relação ao direito de se justificar durante uma bronca, 68,3% afirmaram que sim, enquanto 31,7% disseram não ter esse direito.

Esses dados revelam a existência de um modelo de educação ainda autoritário, embora os próprios adolescentes reconheçam a importância dos limites. Como afirmam Araújo e Formosinho (2002), o exercício da autoridade parental deve equilibrar disciplina e empatia, favorecendo o desenvolvimento emocional saudável.

Diálogo, afetividade e incentivo

Entre os aspectos mais diretamente ligados à Parentalidade Positiva, destacam-se os seguintes resultados: 84,7% consideram o diálogo entre pais e filhos positivo; 67,7% afirmam que o diálogo com os pais é importante; 73,5% dizem receber elogios



dos pais; 89,9% consideram o elogio uma prática positiva; 93,6% afirmam que os pais devem incentivar e valorizar os interesses dos filhos;

A maioria afirma sentir-se respeitada e acolhida em sua família.

Essas respostas evidenciam que os adolescentes reconhecem o valor do diálogo, do respeito e do incentivo parental, ainda que apontem para lacunas no convívio diário. Santos (2023) destaca que os sentimentos e o afeto são dimensões fundamentais na formação emocional, sendo o acolhimento familiar um dos principais fatores de proteção contra comportamentos de risco.

Relatos subjetivos: percepções e anseios dos adolescentes

A questão aberta do inquérito revelou percepções ricas sobre o modelo de família idealizado pelos estudantes. Entre os relatos:

“Era uma família que brincasse comigo, não me chamasse de apelido e que me ensinasse a dormir no meu quarto.”

O depoimento acima pertence a uma criança de 11 anos, matriculada no Ensino Fundamental II, filha de pais separados. Sua resposta expressa o desejo por um ambiente familiar mais afetuoso e acolhedor. Conforme Cruz (2014) e Ferreira (2020), a Parentalidade Positiva pressupõe a criação de um ambiente seguro, no qual a criança se sinta aceita e ouvida.

Outro relato diz:

“A gente sempre ia conversar, íamos falar sobre os sentimentos uns dos outros, entender o que os outros sentem e perguntar como foi o dia um do outro.”

E outros complementam:

“Se preocuparem mais com os sentimentos dos outros.”

“Uma família acolhedora, que não brigasse tanto.”

“Que meus pais fossem mais pacientes e compreensivos.”

“Que minha avó me deixasse escolher as roupas que gosto.”

Esses testemunhos revelam o desejo dos adolescentes por diálogo, respeito, autonomia e sensibilidade emocional dentro de casa, aspectos centrais da Parentalidade Positiva.



Por outro lado, um dos entrevistados afirmou:

“A minha já é ideal para mim.”

Esse adolescente de 12 anos descreve uma convivência familiar saudável, marcada por diálogo, respeito e acolhimento. Sua percepção reforça os resultados encontrados por Vázquez et al. (2016) e Magalhães & Barbedo (2011), segundo os quais famílias que estimulam a comunicação e o apoio mútuo favorecem o desenvolvimento emocional e social dos filhos.

Em síntese, os resultados confirmam que uma relação parental positiva transforma a vida de crianças e adolescentes, fortalecendo o sentimento de pertencimento, prevenindo comportamentos de risco e estimulando o desenvolvimento pleno. Famílias baseadas em escuta, empatia e incentivo formam jovens mais equilibrados, confiantes e capazes de se posicionar de forma crítica e saudável diante das situações do cotidiano.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, realizada com adolescentes, teve como principal objetivo perceber como pensam os estudantes compreendidos entre 12 e 18 anos sobre a Educação Parental e a Parentalidade Positiva. Os resultados permitem afirmar que os participantes apresentam ideias claras e consistentes sobre a forma como percebem e idealizam as relações familiares e as vivências cotidianas dentro do ambiente em que estão inseridos.

Os estudos que fundamentam esta investigação confirmam que a Educação Parental e a Parentalidade Positiva são fatores determinantes na construção emocional, social e comportamental dos adolescentes. A forma como o diálogo, os limites, o incentivo e o afeto são estabelecidos dentro do núcleo familiar impacta diretamente na maneira como o jovem lida com suas emoções, toma decisões e enfrenta os desafios da vida.

A análise dos dados demonstrou que, mesmo diante das transformações sociais e das diferentes configurações familiares, os adolescentes reconhecem a importância de relações pautadas em escuta, diálogo e respeito mútuo. Ao mesmo tempo, os resultados revelam fragilidades, especialmente no que se refere à ausência de convivência ativa e ao distanciamento afetivo entre pais e filhos, o que reforça a necessidade de ações de apoio



e formação parental mais amplas e contínuas.

Cumprе destacar que esta pesquisa indica a urgência de políticas públicas voltadas para o fortalecimento das relações familiares, não apenas na adolescência, mas desde o período da gestação, momento em que se iniciam os primeiros vínculos e cuidados com a criança. A criação de programas que integrem família, escola e comunidade pode contribuir significativamente para o desenvolvimento saudável e a prevenção de situações de vulnerabilidade.

Em síntese, conclui-se que os adolescentes são plenamente capazes de identificar, refletir e avaliar as práticas parentais vivenciadas em seus lares, classificando-as como positivas ou negativas a partir de suas experiências emocionais. Essa consciência, por si só, já representa um passo importante para a construção de famílias mais empáticas, equilibradas e participativas, nas quais o amor, o diálogo e o respeito sejam a base da convivência e da formação humana.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, J.; MATOS, A. P.; COSTA, J. J. *Regulação emocional e qualidade do relacionamento com os pais como preditores de sintomatologia depressiva em adolescentes*. 2018.

ARAÚJO, S.; OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. *Entre o risco biológico e o risco social: um estudo de caso*. Educação e Pesquisa, v. 28, p. 87–103, 2002.

BARBOSA, V. E. S.; NETO, J. M. *O direito da criança à moradia adequada a partir de sua compreensão como sujeito de direito no âmbito internacional*. Revista de Direito da Cidade, v. 15, n. 1, p. 361–391, 2023.

COLTRO, B. P.; PARAVENTI, L.; VIEIRA, M. L. *Relações entre parentalidade e apoio social: revisão integrativa de literatura*. Contextos Clínicos, v. 13, n. 1, p. 244–269, 2020.

CRUZ, O. *Que parentalidade? A tutela cível do superior interesse da criança*. Tomo III, 2014.

DE MAGALHÃES, M. D. G. P.; BARBEDO, C. *Relatório apresentado ao Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica*. Dissertação (Doutorado) – Universidade Católica Portuguesa, 2011.

DE SOUZA, W. M.; DA ROCHA, L. F. D.; DE CARVALHO, R. V. C.; FIORAVANTI, A. C. M. *Relações entre parentalidade e funções executivas: uma revisão sistemática*. Estudos e Pesquisas em Psicologia, v. 21, n. 1, p. 277–297, 2021.



DOS SANTOS, A. P. F. C. *Intervenção em educação parental para cuidadores de pré-adolescentes/adolescentes: uma revisão de literatura*. 2023.

FERREIRA, A. D. C. *Parentalidade e desenvolvimento sócio-emocional infantil: parentalidade e saúde mental parental: uma revisão sistemática*. 2020.

GUISO, L.; BOLZE, S. D. A.; VIEIRA, M. L. *Práticas parentais positivas e programas de treinamento parental: uma revisão sistemática da literatura*. Contextos Clínicos, v. 12, n. 1, p. 226–255, 2019.

LOPES, M. S. O. C.; CATARINO, H.; DIXE, M. A. *Parentalidade Positiva e Enfermagem: revisão sistemática da literatura*. Revista de Enfermagem Referência, p. 109–118, 2010.

MACARINI, S. M.; MARTINS, G. D. F.; MARIA DE FÁTIMA, J. M.; VIEIRA, M. L. *Práticas parentais: uma revisão da literatura brasileira*. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 62, n. 1, p. 119–134, 2010.

MARTINÉZ, A. M.; REY, F. G. *Psicologia, educação e aprendizagem escolar*. São Paulo: Cortez Editora, 2017.

OLIVEIRA, J. C.; CABRAL, V. B. C. *Alienação parental: desafio interdisciplinar*. Revista Hum@nae, 2015.

OLIVEIRA, J. L. A. P.; CREPALDI, M. A. *Relação entre o pai e os filhos após o divórcio: revisão integrativa da literatura*. Actualidades en Psicología, v. 32, n. 124, p. 92–110, 2018.

PATRÍCIO, S. A. F. *Promoção da parentalidade positiva*. Dissertação (Doutorado) – Universidade Católica Portuguesa, 2011.

RUIZ-ZALDIBAR, C.; SERRANO-MONZÓ, I.; MUJICA, A. *Programas de competência dos pais para promover parentalidade positiva e estilos de vida saudáveis em crianças: uma análise sistemática*. Jornal de Pediatria, v. 94, p. 238–250, 2018.

SANTANA, Y. N. *A alfabetização em tempos de pandemia: revisão de literatura*. 2022.

SANTOS, P. A. D. *A paternidade na contemporaneidade: uma revisão integrativa*. 2023.

SCHMIDT, B.; STAUDT, A. C. P.; WAGNER, A. *Intervenções para promoção de práticas parentais positivas: uma revisão integrativa*. Contextos Clínicos, São Leopoldo, v. 9, n. 1, p. 2–18, jan./jun. 2016.

SILVA, C. F. S. *Eficácia de programas de intervenção na parentalidade em mães expostas à violência nas relações de intimidade: revisão sistemática*. 2022.

VÁZQUEZ, N.; RAMOS, P.; MOLINA, M. C.; ARTAZCOZ, L. *Efeito de uma*



intervenção de promoção da parentalidade positiva sobre o estresse parental. Aquichan, v. 16, n. 2, p. 137–147, 2016.

WEBER, L. N. D.; PRADO, P. M.; VIEZZER, A. P.; BRANDENBURG, O.
J. Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 17, p. 323–331, 2004.

